

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA

CARLA CRISTINA BORGES MEDINA

**MAL-ESTAR DOCENTE NA PRÁTICA DE PROFESSORAS DE CIÊNCIAS DA
NATUREZA E A INOVAÇÃO PEDAGÓGICA**

**Uruguiana
2019**

CARLA CRISTINA BORGES MEDINA

**MAL-ESTAR DOCENTE NA PRÁTICA DE PROFESSORAS DE CIÊNCIAS DA
NATUREZA E A INOVAÇÃO PEDAGÓGICA**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Ciências da
Natureza da Universidade Federal do
Pampa, como requisito parcial para
obtenção do título de Licenciada em
Ciências da Natureza.

Orientador: Elena Maria Billig Mello

**Uruguaiana
2019**

Ficha catalográfica elaborada automaticamente com os dados fornecidos pelo(a) autor(a) através do Módulo de Biblioteca do Sistema GURI (Gestão Unificada de Recursos Institucionais).

Medina, Carla Cristina Borges
Mal-estar docente na prática de professoras de Ciências da Natureza e a inovação pedagógica/ Carla Cristina Borges Medina

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade Federal do Pampa, LICENCIATURA EM CIÊNCIAS DA NATUREZA, 2019.
"Orientação: Elena Maria Billig Mello".

1. Mal-estar docente. 2. Ensino de Ciências. 3. Inovação pedagógica.

I. Título.

CARLA CRISTINA BORGES MEDINA

**MAL-ESTAR DOCENTE NA PRÁTICA DE PROFESSORAS DE CIÊNCIAS DA
NATUREZA E A INOVAÇÃO PEDAGÓGICA**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Ciências da
Natureza da Universidade Federal do
Pampa, como requisito parcial para
obtenção do título de licenciada em
Ciências da Natureza.

Trabalho de Conclusão de Curso defendido e aprovado em: 04 de julho 2019.

Banca examinadora:

Profª Drª Elena Maria Billig Mello
Orientadora
(UNIPAMPA)

Prof.Drº Ailton Jesus Dinardi
(UNIPAMPA)

Prof. Drª Raquel Ruppenthal
(UNIPAMPA)

AGRADECIMENTO

Agradeço...

a minha família, que sempre me apoio e perdoou minhas ausências nesses quatros anos e meio;

a minha professora orientadora Elena, que, com seu conhecimento, carinho, orientação e compreensão, possibilitou a conclusão deste trabalho;

aos/às professores/as, que, através de seus ensinamentos, diálogos e reflexões, despertaram em mim uma busca pelo conhecimento, a importância de aprender e ensinar, de respeitar a opinião do outro, me ensinaram como ser e tornar uma professora melhor e de abraçar os desafios da profissão que escolhei;

aos membros do GRUPI que muito me ensinou e oportunizou a realização desse trabalho;

aos/as meus/minhas colegas, que sempre me incentivaram e que a convivência diária nos tornou mais que colegas e sim amigos.

RESUMO

O presente estudo, intitulado “Mal-estar docente na prática de professoras de Ciências da Natureza e a inovação pedagógica”, objetiva analisar as percepções sobre o mal-estar docente na prática de professoras na Educação Básica, por meio de um estudo de caso, com abordagem qualitativa, mediante entrevista semiestruturada que foi realizada com seis professoras de Ciências da Natureza da Educação Básica, em diferentes etapas da carreira profissional, no município de Uruguaiana - RS. Para tanto, utilizou-se de fundamentação teórica crítica nas análises com aproximação à Análise Textual Descritiva (ATD). Autores como Esteve, Nóvoa e Codo deram suporte teórico-epistemológico mais importante. Percebeu-se que o mal-estar docente atinge de diversas formas as professoras que atuam na área de Ciências da Natureza, como, por exemplo, na desvalorização financeira da profissão, no trabalho em instalações físicas de condições precárias, pelo pouco respaldo da direção, na exaustão física e emocional pelo número excessivo de alunos nas turmas, entre outras. Pode-se concluir que os docentes são ou serão atingidos de alguma forma por alguma das facetas do mal-estar docente. É importante a participação conjunta dos professores por meio de uma rede de suporte e apoio e também a criação de um sistema de proteção e de amparo da equipe de gestão ao docente, possibilitando diminuir as consequências do mal-estar docente na sua capacidade profissional e na vida pessoal. Acredita-se também que a inovação pedagógica servirá de suporte. A pesquisa poderá servir de reflexão sobre o mal-estar docente e suas implicações na qualidade do ensino e para a inovação pedagógica, especialmente nas escolas pesquisadas.

Palavras-chave: Mal-estar docente; Ensino de Ciências; Inovação pedagógica.

ABSTRACT

The present study, entitled "Teacher malaise in the practice of Natural Science female teachers and the pedagogical innovation", aims to analyze the perceptions about teacher malaise in the practice of teachers in Basic Education, through a case study, with a qualitative approach, through a semi-structured interview which was carried out with six Natural Sciences female teachers of the Basic Education, in different stages of the professional career, in Uruguaiana city, RS. To achieve that purpose, it was performed a critical theoretical basis on the analyzes demonstrating a Descriptive Textual Analysis (DTA) inclination. Authors such as Esteve, Nóvoa and Codo contributed with more important theoretical-epistemological support. It was noticed that teacher malaise affects teachers in the natural sciences field in various ways, such as in the professional financial devaluation, work in physical facilities in precarious conditions, lack of support from management teams, physical and emotional exhaustion due to the excessive number of students in the classes, among others. It can be concluded that teachers are or will be affected in some way by some of the teacher malaise facets. It is important the joint participation of teachers through a support and aid network and also the creation of a protection and support system to the teacher management team, making it possible to reduce the consequences of teacher malaise in their professional capacity and in the personal life. It is also believed that pedagogical innovation will work as support. The research may serve as a reflection on teacher malaise and its implications on the teaching quality and pedagogical innovation, especially in the schools surveyed.

Keywords: Teacher malaise; Science teaching; Pedagogical innovation.

LISTA DE QUADROS E TABELAS

Tabela 1-Evasão por turma no primeiro ano de curso entre os anos de 2010-2014.....	11
Quadro 1- Artigos sobre a temática.....	16
Quadro 2- Fases da carreira profissional de professores.....	20
Quadro 3 - Sujeitos da Pesquisa.....	21

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ATD - Análise Textual Discursiva
BVS - Biblioteca Virtual em Saúde
IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
OMS - Organização Mundial da Saúde
PNAD - Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio
PNE - Plano Nacional de Educação
SCIELO - *Scientific Eletronic Library Online*
UNIPAMPA - Universidade Federal do Pampa
TCLE- Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 ESTADO DO CONHECIMENTO SOBRE O MAL-ESTAR DOCENTE.....	16
3 CAMINHOS TEÓRICOS-METODOLÓGICOS PERCORRIDOS NA PESQUISA...19	19
4 MAL-ESTAR DOCENTE NA VISÃO DAS DOCENTES.....24	24
4.1 Mal-estar docente e o peso de dar aula.....24	24
4.2 Mal-estar docente e a desvalorização profissional	26
4.2.1 A desvalorização pela falta de condições de trabalho.....30	30
4.3 Mal-estar docente e a inovação na educação	32
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	35
REFERÊNCIAS.....	38
APÊNDICES	40

1 INTRODUÇÃO

A educação é composta, e pode ser definida, pela soma de inúmeros fatores, tais como: os sujeitos (alunos e professores) que atuam diretamente no processo ensino-aprendizagem, os métodos pedagógicos, as instalações físicas e demais condições para o exercício do ensino. No contexto social que vivemos, o profissional da educação, especialmente o professor, encontra-se em situação de desvalorização e desmotivação. Segundo Pinotti (2006, p.106): “Há algumas décadas vem ocorrendo um processo de desvalorização do professor, que chegou até a atingir profundamente sua autoestima. As condições de trabalho dos profissionais de educação são tão ruins como registram várias pesquisas”.

Isso ocasiona a queda na procura nos cursos de licenciatura, bem como no reduzido número de formandos comparados com as vagas oferecidas. Neste sentido Pereira (2011, p.11) coloca que:

Os dados fornecidos pelo governo federal indicam que, ao mesmo tempo que existe a necessidade de formar/certificar um enorme número de professores e um crescimento na demanda para abrir novos cursos de licenciatura, há uma baixa ocupação de vagas nos cursos já existentes e um número relativamente baixo de graduandos em relação ao número de vagas oferecidas. A dificuldade de os alunos manterem o seu sustento durante a graduação, a baixa expectativa de renda em relação à futura profissão e o declínio do status social da docência fizeram que os cursos de licenciatura, tanto em instituições públicas como privadas, convivessem com altíssimas taxas de evasão e, por via de consequência, permanecessem em constantes crises.

Diante desse panorama a pesquisa realizada por Dinardi, Pereira e Marzari (2017) evidencia o alto índice de evasão do curso de Ciências da Natureza da Universidade Federal do Pampa do campus Uruguaiana – RS, conforme tabela abaixo.

Tabela 1: Evasão por turma no primeiro ano de curso entre os anos de 2010-2014.

Turma	Ingressantes	Abandono	Cancelamento	Total	%
2010	51	11	3	14	27,4
2011	57	7	3	10	17,5
2012	55	16	5	21	38,2
2013	53	8	5	13	24,5
2014	55	9	5	14	25,4
Total	271	51	21	72	26,5

Fonte: Dinardi, Pereira e Marzari (2017).

A tabela anterior elucida segundo Dinardi, Pereira e Marzari (2017, p.7) “...que o maior índice de evasão foi no ano de 2012¹, chegando a 38,2% dos alunos. Em meados de 2014 a primeira turma (2010) apresentou seus treze formandos e em setembro de 2015 a segunda turma formou dez alunos. ”

Contudo, apesar da queda na procura por cursos de licenciatura e das condições existentes para o exercício da profissão, ainda há pessoas que buscam esta carreira profissional, seja por perspectiva de valorização futura ou até mesmo por falta de opção. Para exemplificar, a nível nacional, em 2017, os concluintes de bacharelado corresponderam a 62,5%, enquanto que os concluintes das licenciaturas correspondem a 21,1% e os tecnológicos, 16,4%. (BRASIL, 2018). Se for comparado com o índice dos cursos de bacharelado, o de licenciatura apresentou índice baixo de concluintes. Semelhança no índice institucionalmente no Curso de licenciatura Ciências da Natureza, como pode ser visualizado anteriormente.

Também é preciso destacar a dificuldade em elevar os padrões de qualificação e valorização dos professores, da infraestrutura existente nas instituições de ensino, os quais são entraves que ampliam as carências enfrentadas pela sociedade nesta área. Nesse sentido, é interessante a conclusão de Gatti et al. (2019, p. 51):

[...] quando consideramos a maneira como políticas relativas à docência para a educação básica foram efetivadas, quando consideramos os dados educacionais, as condições de formação e o trabalho dos professores. Ainda não conseguimos desenvolver políticas educacionais articuladas de fato entre si, e de impacto efetivo, com foco na grande carência da população brasileira em termos educacionais: a melhor qualificação da educação básica—sua infraestrutura, gestão, dinâmicas curriculares, e, a melhor qualificação dos professores e sua real valorização. Mesmo considerando os enormes avanços alcançados na incorporação de vastas camadas populares nesse nível de ensino, os esforços para maior qualificação da educação escolar nesse nível ainda nos desafiam, em particular, e entre outros aspectos, os relativos ao exercício da docência, a demanda por professores, à sua formação, em especial sua formação inicial.

Aliado a isso, o meio social também repercute e afeta variadas rotinas e anseios do indivíduo, o que por consequência facilita a existência de alegrias e tristezas no dia a dia ocasionadas pelas atividades profissionais. Portanto, não há meios dos sujeitos se desconectarem dos problemas existentes na vida particular quando estão desempenhando as atividades profissionais. E com o professor não é diferente.

¹ Neste ano tivemos paralisação dos servidores nas universidades federais e a UNIPAMPA foi uma das instituições que paralisou por quase cinco meses. Isso influenciou nas decisões de abandonar o curso.

Segundo Menezes e Gazzoti (2006, p.266) “ Vida privada e vida profissional mais uma vez entrelaçadas. Não se pode negar a importância do suporte afetivo na vida das pessoas como forma delas superarem suas dificuldades e seu esgotamento. ” O que agrava, ainda mais, esse quadro são as condições atuais para o exercício do magistério, pois diversas mudanças sociais surgidas nos últimos anos afetam a vida do professor. Pode destacar a violência escolar, o esgotamento físico e/ou os efeitos psicológicos sem contar os diversos fatores que influenciam a desmotivação dos professores, tais como: alunos desinteressados, pouco ou nenhum respaldo da direção, precária remuneração e falta de pagamento salarial em dia. Neste sentido, Esteve expõe (1999, p.98):

Há diversos indicadores que referem um abaixamento da qualidade do ensino. O avanço contínuo das ciências e a necessidade de integrar novos conteúdos impõem uma dinâmica de renovação permanente, em que os professores têm de aceitar mudanças profundas na concepção e no desempenho da sua profissão. É preciso evitar o desajustamento e a desmoralização do professorado, bem como o crescente mal-estar docente, pois um ensino de qualidade torna-se cada vez mais imprescindível.

Esteve (1999, p. 98) também explica que a expressão mal-estar docente pode ser empregada “para descrever os efeitos permanentes, de carácter negativo, que afetam a personalidade do professor como resultado das condições psicológicas e sociais em que exerce a docência, devido à mudança social acelerada”. Desencadeando o que se denominou a síndrome de Burnout, que, para Codo e Menezes (2006, p. 238): “é uma síndrome através da qual o trabalhador perde o sentido da sua relação com o trabalho, de forma que as coisas já não o importam mais e qualquer esforço lhe parece ser inútil”.

Portanto, é relevante o auxílio a docentes, em especial no momento de sua formação, sobre as dificuldades encontradas na carreira, as suas causas e as ferramentas de superação desses entraves. Tais soluções permitirão ao profissional ter maior conhecimento do complexo de fatores que interferem na sua atividade e, por consequência, na qualidade do ensino.

[...] é preciso haver uma abordagem preventiva que, partindo das deficiências e lacunas constatadas no período de formação inicial dos futuros professores, retifique enfoques e incorpore novos modelos de formação que evitem na medida do possível, as consequências negativas [...] modificou-se o papel do professor, constataram-se profundas modificações no contexto social e nas relações interpessoais, devemos reformular o período de formação inicial, buscando uma maior adequação às exigências e problemas do ensino. Não

articulando essas mudanças preventivas, corremos o risco de aumentar, a cada geração de novos educadores, o número de professores desconcertados ao constatar, em seu primeiro ano de exercício profissional, que a realidade prática do magistério é um mundo totalmente desconhecido para eles e que carecem de recursos suficientes para dominá-los. (ESTEVE, 1999, p. 117).

As atividades dos docentes afetam diretamente a qualidade e o processo ensino-aprendizagem. Desta forma, percebe-se a importância do ambiente laboral equilibrado e de apoio a este docente com vistas a permitir a melhoria da sua qualidade de vida e do seu bem-estar.

Por esta razão, nesse trabalho, busca-se dimensionar as repercussões do mal-estar docente na qualidade do ensino e na inovação pedagógica. Inovação que auxilia na transformação social e na qualidade de vida do profissional da educação.

Com base nessas considerações, propõe-se pesquisar a seguinte **problemática**: Quais as percepções sobre o mal-estar docente de professores de Ciências da Natureza que atuam na Educação Básica, no município de Uruguaiana-RS e sua relação com a inovação pedagógica?

A pesquisa teve como **objetivo geral** analisar as percepções sobre o mal-estar de professores de Ciências da Natureza que atuam na Educação Básica, no município de Uruguaiana – RS.

Complementa-se a pesquisa com os seguintes **objetivos específicos**:

- Compreender como o mal-estar docente afeta a prática dos professores de Ciências da Natureza;
- Identificar as causas do mal-estar docente presentes no fazer educativo desses professores;
- Analisar concepções de inovação pedagógica dos professores de Ciências da Natureza;
- Verificar de que forma a inovação pedagógica está presente na prática educativa dos professores de Ciências da Natureza e se ocasiona maior qualidade e bem-estar desse profissional da educação.

Este trabalho está estruturado em cinco partes, incluindo essa introdução à temática pesquisada. Na sequência, apresenta-se o estado da arte que consiste em um levantamento de trabalhos publicados sobre mal-estar docente nos últimos cinco anos (2014 a 2018). Após, detalham-se os caminhos teóricos-metodológicos percorridos na pesquisa. Na quarta parte, o trabalho foi organizado a partir das análises dos achados que emergiram em relação as seguintes temáticas: (a) o mal-

estar docente; (b) a desvalorização da profissão e (c) a inovação pedagógica na prática docente. Na última parte, apresentam-se as considerações finais sobre a pesquisa realizada.

2 ESTADO DO CONHECIMENTO SOBRE O MAL-ESTAR DOCENTE

Apresento aqui um levantamento dos artigos publicados nos últimos cinco anos (2014 a 2018), coletados no *site do Scientific Eletronic Library Online (SciELO)*, a partir do descritor “mal-estar docente”, no idioma português. Essa busca resultou em doze trabalhos, dos quais três não condizem com o tema abordado, dois estavam repetidos, um trabalho voltado para área de psicologia, um não era no Brasil e um não estava disponível, totalizando quatro artigos selecionados. Para melhor visualização organizei os trabalhos com suas principais informações no quadro abaixo:

Quadro 1 - Artigos sobre a temática

Título	Autor	Ano	Palavras-chave	Síntese das ideias principais
Saúde, gênero e reconhecimento no trabalho das professoras: convergências e diferenças no Brasil e na França	Jussara Brito, Régine Bercot, Chantal Horellou-Lafarge, Maru Yale Neves, Simone Oliveira e Lucia Rotenberg	2014	Reconhecimento; Gênero; Saúde do Trabalhador; Professora; Trabalho Docente.	O artigo trata do reconhecimento do trabalho das professoras e suas implicações na saúde e os diferentes contextos econômicos e sociais entre Brasil e França. E concluem que o mal-estar docente sofrido pelas docentes na França advém da dúvida sobre as finalidades e perspectivas do trabalho docente e não tanto de uma sobrecarga de trabalho; enquanto que no Brasil a sobrecarga de trabalho, o elevado número de alunos por turma e os baixos salários influenciam no mal-estar docente.
Trabalho docente e saúde das professoras de Educação Infantil de Pelotas, Rio Grande do Sul	Jarbas Santos Vieira, Vanessa Bugs Gonçalves e Maria de Fátima Duarte Martins	2016	Educação Infantil; Mal-Estar Docente; Processo de Trabalho Docente.	O trabalho discute a relação entre processo de trabalho docente e a saúde das professoras que atuam em escola municipais de educação infantil. A pesquisa indica que, em conjunto, existe uma estreita relação entre o atual processo de trabalho das professoras de educação infantil e seus problemas de saúde, contribuindo para o adoecimento. São muitos os conflitos que fazem parte do dia a dia das professoras: o volume de trabalho e a precariedade das condições existentes em muitas escolas, a diversidade e a complexidade das questões presentes em sala de aula e, ainda, uma expectativa social de excelência pode estar na origem de queixas e do adoecimento da categoria.

Saúde do trabalho em educação: a gestão da saúde de professores de escolas públicas brasileiras	Franciele Ariene Lopes Santana e Ilídio Roda Neves	2017	Saúde do Trabalhador; Adoecimento; Docente; Gestão da Saúde.	O objetivo do estudo foi compreender, por meio de uma revisão da literatura, dos últimos 25 anos (1990-2014), sobre a gestão em saúde do trabalhador, se tem proposto ações e políticas para os docentes. O trabalho observa que embora exista considerável número de publicações que versem sobre a questão da saúde, ou adoecimento docente, poucas relatam sobre a ação/gestão da saúde pública em relação a essa população específica. O trabalho conclui que é fundamental o entrelaçamento entre as políticas de saúde e de educação. Tal conjunto de atividades poderia contribuir para o deslinde da realidade, um tanto obscura, do adoecimento docente, que progressivamente vem afetando os trabalhadores em educação.
Adoecimento das professoras das primeiras letras em Olinda: sintomas, queixas e diagnósticos	Edna Maria Rodrigues de Souza Orcid e Diógenes José Gusmão Coutinho Orcid	2018	Professora. Mal-Estar. Adoecimento. Multicausadores.	A pesquisa foi feita a partir da perspectiva dos professores, em descobrir e relacionar as principais queixas, sintomas e diagnósticos. Foi identificado vários causadores elencados pelas docentes, como responsáveis pelo mal-estar físico, psicológico e social que as obrigam a afastarem-se da sala de aula, de acordo com as respostas, destaca-se as estruturas precárias, a superlotação das salas de aula, a necessidade de deslocamentos entre redes e a extensa jornada de trabalho com atribuições que ultrapassam o ambiente escolar.

Fonte: Elaboração própria.

O primeiro artigo, “Saúde, gênero e reconhecimento no trabalho das professoras: convergências e diferenças no Brasil e na França”, diferencia as percepções e as causas do mal-estar docente entre os profissionais entrevistados no Brasil e na França. Nesse o enfoque dado é referente à falta ou dificuldade de verificação prática do alcance de suas tarefas e atividades, enquanto nos brasileiros é a sobrecarga de trabalho, a baixa remuneração e a quantidade de alunos em sala de aula.

O segundo artigo, “Trabalho docente e saúde das professoras de Educação Infantil de Pelotas, Rio Grande do Sul”, aborda o processo de ensino-aprendizagem de professores da educação infantil e sua vinculação à saúde dessas docentes. Com

destaque para o volume de trabalho, as condições das instalações e materiais disponíveis, a complexidade do fazer educativo em salas de aula e a expectativa criada pela sociedade para o trabalho do professor contribuem sobremaneira para o adoecimento dessas profissionais da educação.

O terceiro artigo, “Saúde do trabalho em educação: a gestão da saúde de professores de escolas públicas brasileiras”, fez um levantamento de publicações acerca do adoecimento dos professores e as políticas públicas adotadas para diminuir e/ou extinguir tais problemas de saúde. A base de dados utilizada foi a Biblioteca Virtual em Saúde (BVS-MS/Bireme). Apesar de o trabalho ter constatado grande número de publicações sobre o tema, as ações governamentais capazes de atacar as causas são escassas. Os pesquisadores concluem que deve haver uma correlação entre os trabalhos publicados e contrapartida relevante dos órgãos responsáveis pela gestão do profissional da educação.

O quarto artigo, “Adoecimento das professoras das primeiras letras em Olinda: sintomas, queixas e diagnósticos”, tem relação estreita com as conclusões do segundo trabalho citado, pois neles as causas do adoecimento do professor são basicamente as mesmas, quais sejam: precariedade das estruturas disponíveis, salas de aulas superlotadas e jornada de trabalho extenuante.

Percebe-se que, no Brasil, as causas que levam ao esgotamento físico e mental do docente decorrem de condições estruturais do ensino no país. São situações que ocorrem em diferentes localidades, mas que são comuns a estes profissionais. Raras são as participações de órgãos governamentais para combater tais entraves, o que leva, sem dúvida, a uma queda de rendimento do professor e da qualidade do ensino.

A seguir, apresenta-se o caminho metodológico percorrido na presente investigação que trata do tema central discutido nos artigos analisados anteriormente, ou seja, o mal-estar docente presente nas práticas dos professores.

3 CAMINHOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS PERCORRIDOS NA PESQUISA

A pesquisa se caracteriza como um estudo de caso, com a abordagem qualitativa. A escolha deste tipo de abordagem amplia o leque de respostas e percepções dos entrevistados. Desta forma, essa pesquisa qualitativa não tem como foco o levantamento dos números efetivos sobre certo questionamento, mas sim analisar a percepção e considerações dos entrevistados sobre a realidade educacional e buscar compreender as repercussões do mal-estar docente presentes na prática e, conseqüentemente, na carreira profissional dos sujeitos da pesquisa.

Stake (2011, p. 41) esclarece que “a abordagem qualitativa é igualmente conhecida pela integralidade de seu pensamento. Não existe uma única forma de pensamento qualitativo, mas uma enorme coleção de formas: ele é interpretativo, baseado em experiências, situacional e humanístico”.

Para Gil (2010, p. 37), o estudo de caso “consiste no estudo profundo e exaustivo de um ou poucos objetos, de maneira que permita seu amplo e detalhado conhecimento, tarefa praticamente impossível mediante outros delineamentos já considerados”. Complementando, apresentam-se as características fundamentais do estudo de caso, de acordo com as autoras Lüdke e André (1986, p. 18-20):

- 1 – Os estudos de caso visam à descoberta.
- 2 – Os estudos de caso enfatizam a ‘interpretação em contexto’.
- 3 – Os estudos de caso buscam retratar a realidade de forma completa e profunda.
- 4 – Os estudos de caso usam uma variedade de fontes de informação.
- 5– Os estudos de caso revelam experiência vicária e permitem generalizações naturalísticas.
- 6 – Estudos de caso procuram representar os diferentes e às vezes conflitantes pontos de vista presentes numa situação social.
- 7 – Os relatos de estudo de caso utilizam uma linguagem e uma forma mais acessível do que os outros relatórios de pesquisa.

A pesquisa foi realizada mediante entrevista semiestruturada com seis professores de Ciências da Natureza atuantes na Educação Básica, da rede pública de Uruguaiana. Lakatos e Marconi (2011, p. 281) esclarecem a importância da entrevista semiestruturada na qual o “entrevistador tem liberdade para desenvolver cada situação em qualquer direção que considere adequada. É uma forma de poder explorar mais amplamente a questão”.

No Brasil, a Constituição Federal de 1988 trata da divisão de responsabilidades pela oferta da educação no ensino fundamental, médio e superior. A divisão atribui ao

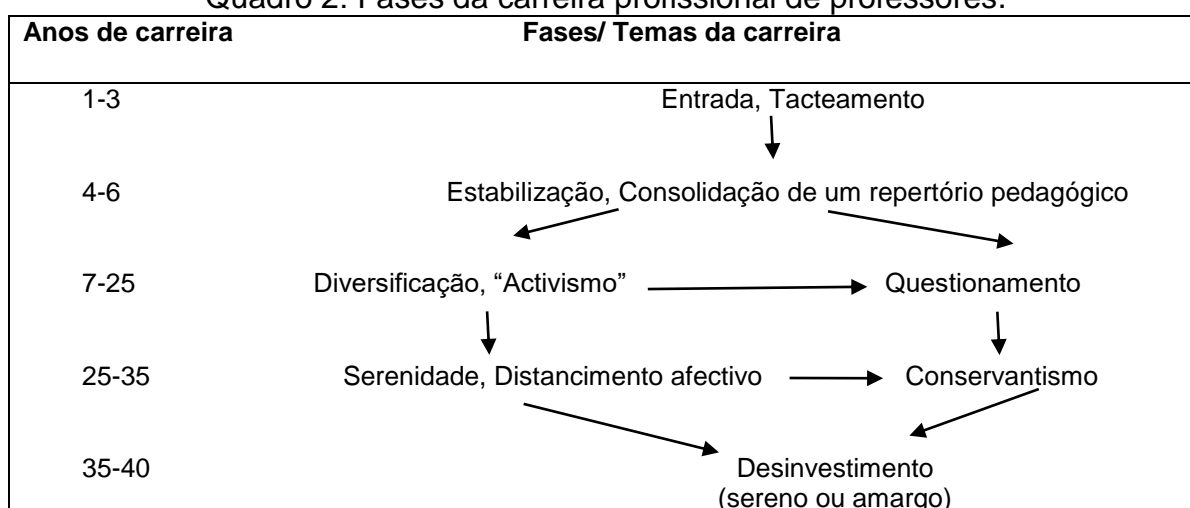
poder público estadual o ensino fundamental e, prioritariamente, o ensino médio; e ao municipal também o ensino fundamental e, prioritariamente, a educação infantil.

Diante disso, houve a escolha de professores que atuam na área de Ciências da Natureza, pertencentes a diferentes esferas de competências (estadual e municipal), com vistas a ampliar o leque de percepções dos docentes e realidades encontradas na pesquisa. A escolha dos sujeitos da pesquisa se deu da seguinte forma: três professores dos anos finais do Ensino Fundamental da rede pública municipal de Uruguaiana e três professores do Ensino Médio da rede pública estadual de ensino do Rio Grande do Sul também de Uruguaiana. Os professores que aceitaram participar da presente pesquisa assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (APÊNDICE A).

Na definição das escolas, optou-se por uma escola de cada esfera, sendo que essas escolas fazem parte da pesquisa guarda-chuva “Inovação Pedagógica na Formação de Profissionais do Magistério/da Educação”². Essas escolas foram designadas por letras iniciais de suas nomenclaturas: PP e PJ.

A escolha dos docentes entrevistados se deu a partir dos estudos de Huberman (1995, p. 47), pois o professor durante sua vida profissional percorre diferentes momentos e fases, conforme a esquematização do autor, que pode ser visualizada no Quadro 2, a seguir:

Quadro 2: Fases da carreira profissional de professores.



² Este projeto de pesquisa está registrado no SIPPEE/UNIPAMPA sob o número 10.025.16 e aprovado pelo CEP, registrado na Plataforma Brasil sob o número 56831616.3.0000.5323. Ele está sendo desenvolvido pelo do Grupo de Pesquisa em Inovação Pedagógica na Formação Acadêmico-profissional de Profissionais da Educação (GRUPI).

Fonte: Huberman (1995).

Na instituição de ensino fundamental, as professoras pesquisadas possuem mais tempo de carreira, enquanto na escola de ensino médio, elas têm pouco tempo de exercício da profissão. Isso ocorre, em especial devido à escassez de concursos para o ingresso nas escolas estaduais nos últimos anos e à adoção da política de contratos temporários pelo poder público estadual para suprir as vagas em aberto.

Tendo em vista o definido por Huberman, o ideal para a coleta das informações é a existência de professores em todas as fases da carreira. Isso não foi exequível de ser realizado em cada escola. Contudo no conjunto da pesquisa, ou seja, somando-se todas as instituições, foi possível a coleta das entrevistas em profissionais em todas as fases da carreira, conforme evidencia-se no Quadro 3 a seguir.

Quadro 3 - Sujeitos da Pesquisa.

Escola	Sujeitos	Formação	Área de atuação	Tempo de atuação	Ingresso na carreira
PP	PP1	Ciências Biológicas	Biologia e Química	4 meses	Contrato
	PP2	Ciências Biológicas	Biologia e Química	4 anos	Contrato
	PP3	Ciências Biológicas	Biologia e Química	6 anos	Concurso
PJ	PJ1	Ciências da Natureza	Ciências	25 anos	Concurso
	PJ2	Ciências Biológicas	Ciências	10 anos	Concurso
	PJ3	Ciências Biológicas	Ciências	29 anos	Concurso

Fonte: Elaboração própria.

A etapa inicial para a realização das entrevistas com as professoras³ das escolas escolhidas foi o contato com a direção. Na escola PP a visita foi no turno da

³ Neste trabalho, sempre que se referir aos sujeitos da pesquisa será utilizada a flexão no gênero feminino porque todas são professoras

manhã, ocasião na qual foi entregue a carta de apresentação e explanados os objetivos da pesquisa e a necessidade de entrevistar três professores de Ciências da Natureza em diferentes etapas da carreira. No entanto, na escola só havia professores no início de carreira. Após esse encontro, foram explicados os objetivos da pesquisa para duas professoras, as informações apresentadas no TCLE, também a solicitação para a gravação da conversa e elas aceitaram participar da entrevista que foi marcada para dia 22 de outubro.

No dia marcado, houve as entrevistas das docentes PP1 e PP3 durante 17 e 27 minutos respectivamente. A terceira entrevistada lecionava nas sextas-feiras no turno da tarde e, após várias tentativas, consegui encontrá-la na escola no dia 21 de dezembro, ocasião em que realizei a entrevista com duração de doze minutos.

Na escola PJ foram adotados os mesmos procedimentos prévios da instituição anterior. A visita de apresentação foi no dia 19 de novembro no turno da tarde, ocasião em que conheci uma das professoras, a PJ2, que prontamente concordou em participar da entrevista. Esta durou quinze minutos. No dia 22 de novembro retornei à escola no turno da manhã e realizei as duas entrevistas faltantes, com duração de sete minutos com PJ1 e oito minutos com PJ3.

As professoras entrevistadas foram identificadas por números de 1 a 3, respectivamente, para cada uma das duas escolas investigadas, conforme se visualiza no Quadro 3 (p. 21).

Para a análise dos dados ocorreu a aproximação à Análise Textual Discursiva (ATD) que, segundo Moraes e Galiazzi (2007, p. 7): “Corresponde a uma metodologia de análise de dados e informações de natureza qualitativa com a finalidade de produzir novas compreensões sobre os fenômenos e os discursos. Insere-se entre os extremos da análise de conteúdo tradicional e a análise de discurso, representando um movimento interpretativo de caráter hermenêutico”. Esta análise pressupõe um processo integrado de análise e síntese, a partir de um conjunto de materiais coletados (que formam o *corpus* de análise), descritos e interpretados no sentido de atingir uma compreensão mais complexa dos assuntos. Para tanto, com base nos referidos autores, na sequência, observou-se às seguintes etapas: (a) desconstrução dos textos coletados por meio de entrevistas (*corpus*), com base na problematização; (b) realização da unitarização, com codificação e categorização; (c) produção do

metatexto, que compõem o texto resultado da presente pesquisa, apresentado nos capítulos seguintes, respaldados pela fundamentação teórica sobre a temática.

4. MAL-ESTAR DOCENTE NA VISÃO DAS DOCENTES

A pesquisa está fundamentada nos estudos de José Manuel Esteve, Wanderley Codo e Antônio Nóvoa sobre mal-estar docente. Esteve (1999, p. 144) descreve que “o mal-estar docente é uma doença social produzida pela falta de apoio da sociedade aos professores, [...] como no das recompensas materiais e no reconhecimento do status que lhes atribui.”.

Codo e Menezes (2006) esclarecem que não existe uma definição única de *burnout*, que seria uma resposta ao estresse laboral crônico, envolvendo atitudes e condutas negativas, que acarreta em problemas de ordem prática e emocional ao trabalhador. Nóvoa (1999) expõe que algumas consequências do mal-estar docente são a desmotivação pessoal, abandono da profissão, insatisfação profissional que ocasiona um desinvestimento e indisposição constante. As atividades dos professores apresentam um complexo de situações e circunstâncias que interferem na qualidade do ensino e também afetam a qualidade de vida do docente.

Na presente pesquisa, organizou-se este capítulo dividindo a temática por aspectos mais relevantes, tomando como base a análise das entrevistas realizadas com as professoras: mal-estar docente e o peso de dar aula; mal-estar docente e a desvalorização profissional, a desvalorização pela falta de condições de trabalho; e o mal-estar docente e a inovação na educação.

4.1 Mal-estar docente e o peso de dar aula

Acredito que com todas as questões sociais que a gente vive desencadeiam algumas doenças como depressão e ansiedade. (PP3.2)
O professor não tem ânimo, não tem vontade de dar aula, se torna um peso dar aula. (PP1.2)
[...] o professor não conseguir nem chegar na escola. (PJ1.2)
[...] o adoecimento do professor. (PJ2.2)

Em um cenário de crescente desvalorização da profissão docente, pesquisas e estudos que verificam as causas e consequências do mal-estar causados aos professores são de grande relevância, pois são sujeitos importantes no processo de ensino-aprendizagem. As descobertas desses “porquês” dão subsídios ao desenvolvimento de procedimentos que saneiem ou amenizem os malefícios causados aos profissionais da educação e, por consequência, auxiliem na melhora da qualidade do ensino. Nóvoa (1999, p. 22) ressalta que:

As consequências da situação de mal-estar que atinge o professorado estão à vista de todos: desmotivação pessoal e elevados índices de absentismo e de abandono, insatisfação profissional traduzida numa atitude de desinvestimento e de indisposição constante (face ao ministério, aos colegas, aos alunos, etc.), recurso sistemático a discursos-álibi de desculpabilização e ausência de uma reflexão crítica sobre a ação profissional.

Para Esteve (1999, p. 12) “quando usamos o termo ‘mal-estar’ sabemos que algo não vai bem, mas não somos capazes de definir o que não funciona e o porquê”. Nas falas das professoras entrevistadas também pudemos constatar isso e verificar que todas elas se complementam para definir o que é mal-estar docente.

Codo e Menezes (2006, p. 242) expõem que, com frequência, o professor é vítima de alguma faceta do mal-estar docente e que, em regra, “[...] ele sofre: ansiedade, melancolia, baixa auto-estima, sentimento de exaustão física e emocional”. Isso também pode se depreender das palavras das entrevistadas: “[...] *colegas com desvio de função que não podem mais exercer a profissão; isso me assusta a quantidade de colegas nessas situações*”. (PJ3.6) e “*Gera estresse, muito trabalho, eu tenho duas escolas, têm professores que precisam trabalhar 60 horas*”. (PP2.6).

O cansaço, o estresse e o esgotamento físico e mental são alguns dos itens mais elencados por trabalhadores de diversos ramos empregatícios, como aspectos negativos em suas vidas laborais na atualidade. E para os professores da rede pública de ensino, somam-se àqueles a falta de perspectiva de valorização da carreira (ao menos em curto espaço de tempo), a baixa remuneração e o parcelamento dos salários, as instalações físicas precárias em sua maioria e as múltiplas responsabilidades assumidas na formação do aluno (ensino, facilitação da aprendizagem, repreensão, amizade, fortalecimento do ideal de cidadania, entre outros) potencializam a ocorrência do desgaste emocional do docente. No mesmo sentido, Codo e Menezes (2006, p. 243) expressam que:

Alguns autores, por sua vez, entendem que características do ambiente de trabalho podem desencadear este tipo de sofrimento mental. Muitas pesquisas na área apontam problemas de disciplina na escola como um dos fatores causadores de burnout. Violência, falta de segurança, uma administração insensível aos problemas do professor, burocracia que entrava o processo de trabalho, pais omissos, transferências involuntárias, críticas da opinião pública, classes superlotadas, falta de autonomia, salários inadequados, falta de perspectivas de ascensão na carreira, isolamento em relação a outros adultos ou falta de uma rede social de apoio, além de um preparo inadequado, são fatores que têm se apresentado associados ao burnout.

Neste sentido, as seguintes falas das entrevistadas ilustram: *“Eu canso mais mentalmente que fisicamente. Preciso de um tempo para descansar que, às vezes, não tenho”*. (PP16) e *“Tudo que a gente está vivendo acaba levando para vários problemas, tem vários educadores que fazem tratamento psicológico, tomam remédios, justamente por essa pressão, essa desmotivação, o que eu vejo principalmente aqui na escola é esses espaços de discussão que nos fortalece em certos momentos”*. (PP3.6).

Codo e Menezes (2006, p.254) expõem que:

O burnout é uma desistência de quem ainda está lá, enclacrado em uma situação de trabalho que não pode suportar, mas que também não pode desistir. O trabalhador arma, inconscientemente, uma retirada psicológica, um modo de abandonar o trabalho, apesar de continuar no posto. Está presente na sala de aula, mas passa a considerar cada aula, cada aluno, cada semestre, como números que vão se somando em uma folha em branco.

Percebe-se a necessidade da existência de uma rede de suporte aos profissionais que sofram alguma espécie de mal-estar no ambiente de trabalho. Isso fortalece a ideia de acolhimento do professor e pertencimento a uma categoria forte e que ampara seus pares em momentos de dificuldade. Nesse enfoque, Soratto e Ramos (2006, p.274) nos dizem que:

Poder contar com suporte social adequado no trabalho está associado com maior satisfação, melhores possibilidades de lidar com conflitos e com situações estressantes, melhores possibilidades de ajustamento e melhora das condições de saúde física e mental, em resumo, melhores condições pessoais e mais qualidade no trabalho.

Contudo, em grande parte das instituições de ensino, o professor trabalha sem as condições necessárias para o desempenho de suas atividades. Há a sensação constante de desvalorização da carreira e, com isso, surge a possibilidade de migração para empregos mais vantajosos, ao menos monetariamente.

4.2 Mal-estar docente e a desvalorização profissional

A profissão professor em geral é linda, se não fosse o professor nenhuma outra profissão existiria, mas a desvalorização é muito grande. (PP1.5)

Entre os entraves da profissão professor está a desvalorização profissional, a qual vai de encontro ao estabelecido pela Meta 17 do Plano Nacional de Educação

(PNE 2014-2024): “Valorizar os(as) profissionais do magistério das redes públicas da Educação Básica, a fim de equiparar o rendimento médio dos(as) demais profissionais com escolaridade equivalente, até o final do 6º ano da vigência deste PNE.”. O site Observatório do PNE registra que os “Professores devem ser tratados e valorizados como profissionais e não como abnegados que trabalham apenas por vocação. A diferença salarial entre professores e demais profissionais com mesmo nível de instrução é inaceitável”, e pelo IBGE – Pnad, em 2015, essa diferença era de 52,5% (OBSERVATÓRIO DO PNE, 2018).

A Organização Mundial da Saúde (OMS) classificou a síndrome de *Burnout*, aquela resultante de estresse crônico no local de trabalho, como um fenômeno ocupacional e não como uma doença ou uma condição de saúde propriamente dita. Isso significa que ela interfere diretamente no estado de saúde do indivíduo, apesar de não ser considerada uma doença propriamente dita. Assim, a sensação de esgotamento físico e mental, a redução da eficiência e eficácia do profissional, bem como o cinismo relacionado ao próprio trabalho são situações e circunstâncias que potencializam o surgimento de doenças comportamentais, com destaque para a depressão e transtornos de ansiedade generalizada. Isso é também perceptível na carreira de docentes.

Atualmente, as carreiras mais procuradas em instituições de ensino superior coincidem com as melhores remuneradas. Esse paralelo também reflete nas escolhas profissionais dos jovens, os quais preferem profissões que possam proporcionar melhores condições de vida futuramente. Nesse ponto de vista, a valorização do professorado, além de dar contrapartida para os professores da ativa, motiva e fortalece escolhas (mais vocacionais) a quem pretende ingressar em cursos de licenciatura. O site do Observatório do PNE, citado acima, expõe que:

Enquanto salário e carreira não forem atraentes, o número de jovens dispostos a seguir a carreira do magistério continuará sendo baixo. Elevar os salários do magistério é opção mais política do que técnica. Implica em mudar prioridades e passar a enxergar a Educação como a principal fonte sustentável de desenvolvimento econômico e social de um país.

Também, há a falta de respaldo da sociedade, que algumas vezes “empurra” a responsabilidade pela qualidade do ensino e pelos baixos índices educacionais do país unicamente para os professores. Nas palavras das entrevistadas: “*Nós estamos desvalorizados diante da sociedade. Eu vejo nos meios de comunicação que quando*

é para falar mal de um professor é muita gente falando, não somos mais pessoas benquistas como antigamente". (PJ1.5). No mesmo sentido, Batista e Codo (2006, p. 83) expõem que:

Os jornais só falam do descaso da educação pública, do rendimento ruim dos alunos nas avaliações do MEC, do vergonhoso lugar dos alunos brasileiros das escolas públicas alcançam nos rankings de comparações internacionais de rendimentos dos educandos. Ora, o professor está sendo constantemente atingido na sua imagem pública, tudo isso que parece questionar sua competência fere profundamente sua identidade.

Ainda, Esteve (1999 p. 34) afirma que:

De fato a valorização do trabalho efetivo do professor em seu local de trabalho só se dá em sentido negativo. Se um professor faz um trabalho de qualidade dedicando-lhe maior número de horas além das que configuram sua jornada de trabalho, poucas vezes se valoriza expressamente esse esforço suplementar; não obstante, quando o ensino fracassa, às vezes por um acúmulo de circunstâncias antes as quais o professor não pode operar com êxito, o fracasso se personaliza imediatamente, fazendo-o responsável direto com todas as consequências.

Vê-se, hoje em dia, que a evasão escolar não atinge apenas os alunos, mas que também professores pensam em abandonar sua profissão e, não raro, docentes com vários anos de magistério deixam suas escolas. Algumas das entrevistadas podem, futuramente, aumentar estes índices: “[...] eu estou pensando em montar um negócio...” (PP2.5) e “Gosto muito da educação, mas hoje em dia já considero em ir para outras áreas, para ter essa qualidade de vida porque se financeiramente não nos contribui a gente perde muito. Já considero sim a fazer outros concursos, A gente sabe que essa desvalorização vai piorar porque não é prioridade do governo”. (PP3.5).

A valorização não passa apenas pelo aspecto monetário, mas também pela sensação de pertencimento a uma categoria forte e benquista pela sociedade. Ou seja, que traga orgulho e sentimento de realização pessoal e profissional. Nessa perspectiva Batista e Codo (2006, p. 70) colocam que:

No passado, dizer “eu sou professora ou professor” trazia à tona uma identidade carregada de orgulho profissional. A profissão de educador tinha prestígio social. Em primeiro lugar, a valorização da profissão remetia ao importante papel atribuído à educação na integração social, no contexto da formação do Estado nacional e dos esforços destinados a produzir uma identidade nacional.

Em qualquer relação de emprego, há de um lado o labor, que proporciona a mais valia ao produto ou serviço do empregador, e de outro a contraprestação pactuada, que dá a subsistência ao funcionário e sua família. A remuneração deve guardar relação com o trabalho desempenhado, ou seja, quanto maior a quantidade produzida e/ou a qualidade do produto, maior deve ser o patamar salarial auferido pelo empregado. Ilustra-se bem com a seguinte fala: “*A questão salarial desestimula muito, pois não vemos muitas perspectivas [...] (PP3.4).*”

Hoje, o piso nacional do magistério para 40 horas é de aproximadamente R\$ 2.500,00, ou seja, 2,5 salários-mínimos. Tal valor, por si só, já desestimula o profissional que possui elevada capacidade e grau de instrução de nível superior, pois o coloca em patamar de igualdade com carreiras que dispensam qualquer graduação ou pós-graduação.

Aliado a isso, os poderes públicos estadual e municipal enfrentam séria crise financeira, o que ocasiona o parcelamento dos salários do funcionalismo público (no caso do Governo Municipal do âmbito desta pesquisa ainda não atinge os professores, salvo o décimo terceiro salário).

Desta forma, a prestação contínua do serviço sem a contrapartida financeira desequilibra a relação. Contudo, este desequilíbrio atinge diretamente a qualidade de vida dos professores, que têm afetadas suas relações familiares e sociais pela falta de dinheiro para fazer frente às suas necessidades.

Das entrevistas destacam-se a confirmação desse aspecto:

O descaso por parte do governo, os salários baixos, os atrasos no pagamento. (PP2.4).

Porque financeiramente não é estimulante principalmente pelas propostas como estado realmente é para desvalorizar e desqualificar a educação pública. (PP3.4).

Eu acho que a gente passa por situações bem difícil é plano de carreira. O governo que não paga em dia. (PJ1.4).

Envolve a casa da gente, os filhos todos sofrem. Por que falta dinheiro para pagar as contas, para comprar remédio. E tem vários casos de suicídio de professores por conta dos pagamentos atrasados das dívidas que se acumulam. (PP2.6).

Sobre esse aspecto, relevante é a citação de Odelius e Ramos (2006, p. 340):

O professor ganha mal, em muitos casos, apenas com o que ganha não é possível fechar as contas básicas do mês, compara seu salário ao de seus colegas engenheiros, analistas de sistemas, todos com cursos superior como ele, e descobre que é quem ganha menos. Compara seu salário com o de

outros funcionários públicos do Estado e constata que está entre os que ganha pior para o seu nível de formação e responsabilidade.

No mesmo sentido, Menezes e Gazzotti (2006, p. 262) afirmam que:

Se o professor como qualquer trabalhador, vende sua força de trabalho para suprir suas necessidades materiais e afetivas, qual tem sido o saldo dessa equação? Do ponto de vista material deve se receber o suficiente que lhe garanta segurança, estabilidade e conforto entre outras coisas. No que se refere às necessidades afetivas, precisa de satisfação, reconhecimento, respeito. De qualquer forma, pela satisfação das necessidades materiais e afetivas o trabalhador aspira ter condições de levar a sua vida de modo satisfatório.

Não bastasse, a desvalorização da profissão que afeta a autoestima do professor, há ainda dificuldades encontradas nos locais de trabalho, nos quais, por vezes, não possuem os materiais necessários. Muitas das instalações físicas são precárias, insalubres e inseguras para o exercício da docência.

4.2.1 A desvalorização pela falta de condições de trabalho

Tudo isso (as condições para o exercício da profissão) nos enfraquece e nos desmotiva embora a gente saiba do nosso papel da nossa formação é uma luta diária com a desmotivação... (PP3.5)

A educação sofre a interferência de vários fatores, entre eles pode-se citar as condições para o exercício da profissão, as quais repercutem diretamente na qualidade do ensino efetivada pelos professores. Como diz Esteve (1999, p. 107):

As condições de trabalho dos professores constituem entraves às práticas inovadoras a ação quotidiana dos professores é fortemente influenciada pelo contexto em que trabalham: horários, normas internas, regulamentos, organização do tempo e do espaço, etc.

Aliado a isso, há o fato do professor, assim como qualquer outro trabalhador no exercício da sua profissão, não conseguir desvincular seus problemas pessoais, sociais, laborais das atividades exercidas no desempenho da docência, ou seja, ele carrega consigo a carga da qualidade de vida que ele possui, boa ou má. Nos dizeres de uma das entrevistadas: *“Não consegue separar o profissional na escola e o pessoal fica em casa isso não existe tu és ser humano, se tu não está bem tu não consegues trabalhar bem”*. (PJ1.4).

Há de se destacar, ainda, que a tarefa do educador compreende uma gama de atividades interligada que se complementam, tais como: preparação de aulas, conhecimento dos materiais e instalações físicas disponíveis, realidade social dos

alunos, metodologia a ser aplicada no processo de ensino-aprendizagem e, acima de tudo, o conhecimento individual de cada discente e da turma em que estão inseridos. Estes são aspectos relevantes no exercício da docência e de difícil aplicação prática na elaboração das aulas, seja pela carga horária excessiva do professor, pela quantidade de alunos e sua diversidade, seja pela falta de materiais e de condições das instalações físicas. Como afirmam Soratto e Pinto (2006, p. 289):

Ocorre que o trabalho do professor não é fragmentado, não se caracteriza por tarefas pequenas, desconexas, não precisa ser reintegrado, reconstruído. O que o professor precisa é de condições para fazer bem o seu trabalho, tempo para preparar suas aulas, para se adaptar aos seus alunos e para que estes se adaptem a ele, condições para estabelecer vínculos, para estar inteiro no momento que está ensinando. [...] A impossibilidade de dar atenção necessária para todos os alunos em turmas muito grandes, a impossibilidade de preparar como deveria o que deve ser ensinado quando se tem muitas turmas, muitas disciplinas. As dificuldades em criar os vínculos indispensáveis, quando se passa de um ambiente para outro muito rapidamente, trabalhando em várias escolas ao mesmo tempo. Portanto, a carga mental atinge o professor quando este está impossibilitado por condições externas, ou internas (conflito trabalho-família e falta de suporte afetivo) de fazer o que deveria, de realizar o seu trabalho. Temos um conflito aqui e é nessa dinâmica que o *burnout* se instala.

As professoras entrevistadas comentam em relação a tais situações:

Afeta muito principalmente por que a gente não se sente motivadas e também para buscar coisas novas. (PP3.5).
[...] aqui não tem difícil acesso. Aqui é longe é terra é um buraco é barro dia de chuva... (PP2.4).
[...] O número de alunos dentro de sala de aula que são de 32 a 35 e na parte de ciências tu tem problema nas aulas práticas, falta material, falta auxiliar [...] (PJ2.5).

Odelius e Ramos (2006) reafirmam as colocações das entrevistadas de que o trabalho em instalações físicas precárias, sem respaldo dos pais dos alunos e ensinando em turmas de variada diversidade sociocultural impossibilita uma metodologia apta a atingir a totalidade dos discentes com qualidade. Isso exige alta capacidade intelectual, inovação, esforço elevado e muita criatividade com vistas a realizar o processo de ensino-aprendizagem de qualidade.

Há, desta forma, a necessidade de superação constante do professor. Buscar estar sempre atualizado, realizando atividades e metodologias que permitam atingir a diversidade existente nas salas de aula, com os materiais e instalações existentes nas escolas. Ou seja, a inovação é algo que deve estar intrinsecamente ligada ao

profissional da educação, pois sem ela não é possível um processo de ensino-aprendizagem de qualidade.

4.3 Mal-estar docente e a inovação na educação

Tentar trazer algo novo para dentro da sala de aula, para a escola. (PJ2.7)

A inovação pode ser definida como a quebra de paradigmas anteriormente praticados, ou seja, a superação do modelo tradicional de forma abrupta ou a sua remodelação de forma a corresponder mais precisamente com a realidade enfrentada ou que se quer ver superada. Desta forma, são interessantes as palavras de Cunha (2018, p. 15):

A ruptura com a forma tradicional de ensinar e aprender significa, principalmente, compreender o conhecimento a partir de uma perspectiva epistemológica que problematiza os procedimentos acadêmicos inspirados nos princípios positivistas da ciência moderna. Nesse sentido é preciso compreender as origens das práticas pedagógicas e curriculares que predominantemente se instalam na universidade e na escola. A perspectiva do conhecimento factual, que ambiciona amplas generalizações e só reconhece como legítimo o conhecimento que foi gerado através da lógica experimental, sistematizada por leis que decorrem da constância, é colocada em questão. Sem desvalorizar a contribuição da ciência assim construída, a adesão à ruptura paradigmática significa o reconhecimento de outras formas de produção de saberes, incorporando a dimensão sócio-histórica do conhecimento e sua dimensão axiológica que une sujeito e objeto.

É importante o implemento de certos indicadores para a efetiva inovação no processo de ensino-aprendizagem. Entre eles destacam-se, além da ruptura com o modelo tradicional: a gestão participativa dos indivíduos inseridos no contexto; a reconfiguração dos saberes com a superação das máximas dualistas, por exemplo, ciência/cultura; reorganização da relação teoria e prática; protagonismo dos alunos nas decisões pedagógicas e outros momentos importantes do processo educativo; entre outros. (CUNHA, 2018).

Nas palavras de Carbonell (2002, p. 19), inovação pode ser definida:

Como um conjunto de intervenções, decisões e processos, com certo grau de intencionalidade e sistematização, que tratam de modificar atitudes, ideias, culturas, conteúdos, modelos e práticas pedagógicas. E, por sua vez, introduz, em uma linha renovadora, novos projetos e programas, materiais curriculares, estratégias de ensino e aprendizagem, modelos didáticos e outras formas de organizar e gerir o currículo, a escola e a dinâmica da classe.

A inovação na educação para as entrevistadas pode ser definida a partir das seguintes falas:

São práticas que podemos fazer a partir do diálogo, não é só fazer diferente, fazer alguma coisa nova que ninguém fez. É uma questão de tu perceber que pode mudar alguma prática que ela pode ser dialogada discutida a partir dessa discussão tu pensar numa nova possibilidade na amplitude daquele trabalho. (PJ1.7)

Tentar trazer algo novo para dentro da sala de aula para a escola. De tarde aqui na escola tem uma equipe muito boa. (PJ2.7)

Acho que algo que traga para sala de aula para ajudar que colabore com o desenvolvimento da aula com nosso planejamento. Alguma coisa que vai melhorar que vai ajudar. (PJ3.7)

A efetiva inovação na educação realizada pelo professor no processo de ensino-aprendizagem permite o desenvolvimento e aproximação das temáticas atuais e contextualizadas com a realidade vivenciada pelos alunos como vemos na fala das entrevistadas “*inovar é trazer o conteúdo para a realidade do aluno.*” (PP2.7). Isso facilita a tarefa do docente que se vê motivado a continuar a desenvolver seu trabalho no ambiente escolar, ou seja, há a melhora dos indicadores da qualidade do ambiente laboral e por consequência da qualidade de vida do professor.

Aliado a isso, a perspectiva de amparo dos colegas da escola permite ao professor desfrutar de toda a sua capacidade profissional, bloqueando, em parte, os efeitos produzidos pelo mal-estar nestes profissionais, pois eles ainda estarão sujeitos às repercussões negativas causadas pelos demais meios, como, por exemplo, o social e o familiar que afetam diretamente a qualidade de vida do indivíduo.

Em várias áreas da vida as pessoas têm dificuldade em aceitar modificações de comportamento internalizados em nossas rotinas diárias. O professor também tende a negar-se a mudanças propostas no seu processo de ensino aprendizagem. Na fala da entrevistada: “[...] Às vezes falta comunicação com os colegas, aceitação, quando se vai se fazer algo novo e tenta envolver os outros colegas é difícil.” (PJ3.8), tem-se essa percepção, pois nem sempre os colegas estão dispostos a se envolver e participar e/ou alguns deles não têm mais ânimo de tentar algo novo. Carbonell (2002, p.36) elucida isso:

É preciso mencionar também as atitudes e comportamentos relacionados com o chamado mal-estar docente. Professores e professoras que mostram seu descontentamento e cansaço porque se sentem confusos diante da complexidade dos novos papéis e tarefas, e diante da natureza mutável do conhecimento e da educação que têm de desenvolver em condições difíceis

e/ou desconhecidas. Tudo isso gera condutas muito pessimista e derrotista nos professores que não querem ouvir nem saber de inovações.

Outro ponto observado nas entrevistas é a falta de recursos nas escolas, o que dificulta ainda mais ao professor ministrar aulas inovadoras, como evidencia o seguinte trecho: “*Eles (direção) apoiam, eles não colocam obstáculos. Falta recurso na escola*”. (PJ2.8). Mesmo que haja certa acomodação dos docentes em manter suas metodologias, o sistema educacional não capacita e alcança a estes profissionais materiais e instalações que permitam a inovação com maior facilidade. No aspecto é relevante a citação de Esteve (1999, p. 48):

Muitos desses professores queixam-se explicitamente da contradição que supõe, por um lado, que a sociedade e as instâncias superiores do sistema educacional exijam e promovam uma renovação metodológica, sem ao mesmo tempo, dotar os professores de recursos necessários para levá-los a cabo. Quando esta situação se prolonga a médio e longo prazo, costuma-se produzir uma reação de inibição no professor, que acaba aceitando a velha rotina escolar, depois de perder a ilusão de uma mudança em sua prática docente que, além de exigir-lhe maior esforço e dedicação, implica a utilização de novos recursos dos quais ele não dispõe.

Como visto acima, o mal-estar docente pode ser desencadeado, em especial, quando presentes algumas das seguintes situações: a desmotivação das professoras, a desvalorização da profissão docente e a existência de condições precárias no ambiente de trabalho que atrapalham sua prática interferindo na inovação pedagógica. Elas, isolada ou cumulativamente, tendem a causar entraves no exercício da profissão e, por consequência, afetam a qualidade do processo de ensino-aprendizagem e a qualidade de vida do profissional da educação.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na presente pesquisa, que problematizou e objetivou analisar as percepções sobre o mal-estar docente de professores de Ciências da Natureza que atuam na Educação Básica, no município de Uruguaiana-RS, percebeu-se que o mal-estar docente atinge de diversas formas as professoras que atuam nessa área do conhecimento, como, por exemplo, na desvalorização financeira da profissão, no trabalho em instalações físicas de condições precárias, pelo pouco respaldo da direção, na exaustão física e emocional pelo número excessivo de alunos nas turmas, entre outras.

Em relação ao objetivo específico relativo a compreender como o mal-estar docente afeta a prática dos professores de Ciências da Natureza, as professoras entrevistadas acreditam que são afetadas de alguma forma pelo mal-estar docente. Na visão delas, há uma crescente desvalorização da profissão, que é atingida tanto pelo aspecto monetário quanto pela percepção da sociedade sobre a categoria dos professores. As condições para o exercício das suas atividades também sofrem com instalações físicas precárias e sem materiais que facilitem ou permitam um bom trabalho, o que dificulta, ainda mais, a inovação e a quebra de paradigmas tradicionais instalados há muito tempo no meio escolar. Sem contar com os problemas sociais que afetam cotidianamente diversos trabalhadores, como a ansiedade e a depressão, as quais afligem os profissionais da educação e repercutem na qualidade do ensino e no aprendizado dos alunos.

As professoras de Ciências da Natureza, em especial, são atingidas também pela falta de instalações físicas e materiais para a realização de aulas demonstrativas de experimentos, pois os laboratórios, quando existentes, não possuem a capacidade de lotação das turmas com número grande de alunos ou faltam materiais que permitam a elaboração de aulas condizentes. Essas são situações que desestimulam os professores em geral, os quais tendem a buscar novos horizontes em empregos que lhe proporcionem melhores condições financeiras em primeiro plano, mas também que lhe alcancem melhores condições de trabalho, com melhor qualidade de vida e sensação de pertencimento de uma classe ou categoria que auxilie tais profissionais.

Ao revisitar a Meta 17 do PNE (2014-2024), que propõe a equiparação do rendimento médio dos professores ao dos demais profissionais com escolaridade

equivalente, até o final do sexto ano de vigência desse plano e ampliar a assistência financeira da União aos entes federados para desenvolvimento de políticas de valorização dos profissionais do magistério, em particular o piso salarial nacional profissional. Contudo, até o presente momento não houve a efetiva equiparação salarial entre os professores e os demais trabalhadores que possuam semelhante escolaridade. Ainda, o que se vislumbra para um futuro próximo é o aumento dessa defasagem pela falta de perspectiva de uma remuneração condizente com a responsabilidade e atribuições do cargo de professor.

Quanto ao objetivo analisar concepções de inovação pedagógica dos professores de Ciências da Natureza, as professoras entrevistadas trazem a perspectiva ainda incipiente de que essa inovação acontece se levar algo novo para as aulas; entretanto, conseguem perceber que a inovação pedagógica só acontecerá se contar com os profissionais da escola, além da comunidade local. Assim, destacam que precisam contar com o coletivo da escola nas proposições de um trabalho mais criativo e instigante para os estudantes; assim como de espaços-tempos adequados.

O objetivo verificar de que forma a inovação pedagógica está presente na prática educativa das professoras de Ciências da Natureza e se ocasiona maior qualidade e bem-estar dessa profissional da educação; foi, no geral, percebido que essa inovação sofre alguns reveses no momento em que outros professores opõem resistência à quebra de paradigmas sedimentados no seio educacional. Contudo, ainda há quem busque o desenvolvimento e a aproximação das temáticas atuais e contextualizadas com a realidade vivenciada pelos alunos. Desta forma, a docente se sentirá mais motivada no desempenho da sua profissão, acarretando uma melhora na qualidade do ambiente laboral e, por consequência, na qualidade de vida do professor.

Pode-se concluir que os docentes são ou serão atingidos de alguma forma por alguma das facetas do mal-estar docente. Assim, é importante a participação conjunta dos professores por meio de uma rede de suporte e apoio e também a criação de um sistema de proteção e de amparo da equipe gestora da escola ao docente, possibilitando a diminuição das consequências do mal-estar docente na capacidade profissional e na vida pessoal do professor.

Esta pesquisa poderá servir de reflexão sobre o mal-estar docente e suas implicações na qualidade do ensino e para a inovação pedagógica, especialmente nas escolas pesquisadas. E a acadêmica pesquisadora pretende aprofundar a pesquisa

dessa temática em estudos posteriores. Além disso, esses resultados serão organizados em artigo acadêmico a ser submetido em um período científico.

REFERÊNCIAS

BATISTA, Analía Soria; CODO, Wanderley; Crise de Identidade e Sofrimento. In: CODO, Wanderley. (Coord.). **Educação: carinho e trabalho**. 4 ed. Petrópolis: Vozes, 2006. p. 60-85.

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. Sinopse Estatística da Educação Superior 2017. Brasília: Inep, 2018. Disponível em: <<http://portal.inep.gov.br/web/guest/censo-da-educacao-superior>> Acesso em 19 de março de 2019.

CARBONELL, Jaume. **A Aventura de Inovar a Mudança na Escola**. Porto Alegre: Artmed Editora, 2002.

CODO, Wanderley; MENEZES, Iône Vasques. O que é Burnout? In: CODO, Wanderley. (Coord.). **Educação: carinho e trabalho**. 4 ed. Petrópolis: Vozes, 2006. p. 237-254.

CODO, Wanderley. (Coord.). **Educação: carinho e trabalho**. 4 ed. Petrópolis: Vozes, 2006.

CUNHA, Maria Isabel. Prática pedagógica e inovação: experiências em foco. In Anais do Seminário Inovação Pedagógica: **repensando estratégias de formação acadêmico-profissional em diálogo entre Educação Básica e Educação Superior**. Uruguaiana, Unipampa 2018. p.12-17.

DINARDI, Ailton Jesus; PINHEIRO, Amanda de Lima; MARZARI, Mara Regina Bonini. **Reflexões sobre a evasão do curso de licenciatura em Ciências da Natureza – Unipampa/campus Uruguaiana**. Vivências: Revista Eletrônica de Extensão da URI Vol. 13, N. 25: p.255-265, Outubro/2017. Disponível <http://www2.reitoria.uri.br/~vivencias/Numero_025/artigos/pdf/Artigo_26.pdf> Acessado em 20/03/2019.

ESTEVE, José. Mudanças sociais e mudanças na educação: da educação de elite à educação de massas. In: NÓVOA, António (Org.). **Profissão professor**. Porto: Porto Editora, 1999. p.95-122.

ESTEVE, José Manuel. **O mal-estar docente: A sala de aula e a saúde dos professores**. Bauru: EDUSC, 1999.

GATTI, Bernardete Angelina; BARRETTO, Elba Siqueira de Sá; DALMAZO, Marli Eliza; DE ANDRÉ, Afonso; DE ALMEIDA, Patrícia Cristina Albieri. **Professores do Brasil: novos cenários de formação**. Brasília: UNESCO, 2019.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

HUBERMAN, Michael. O ciclo de vida profissional dos professores. In: NÓVOA, António (coord). **Vidas de professores**. Porto: Porto Editora, 1995. p. 31-78.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Metodologia científica**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2011.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E.D.A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MENEZES, Iône Vasques; GAZZOTI, Andréa Alessandra. Suporte afetivo e o sofrimento psíquico em burnout. In: CODO, Wanderley. (Coord.). **Educação: carinho e trabalho**. 4 ed. Petrópolis: Vozes, 2006. p. 261-266

MORAES, Roque.; GALIAZZI, Maria do Carmo. **Análise textual discursiva**. 2. ed. Ijuí: Editora Unijuí, 2007.

NÓVOA, António. O passado e o presente dos professores. In: NÓVOA, António (Org.). **Profissão professor**. Porto: Porto Editora, 1999. p.15-31.

OBSERVATÓRIO DO PNE. Disponível em <http://www.observatoriodopne.org.br/metas-pne/17-valorizacao-professor> Acessado em 15 de julho de 2018.

ODELIUS, Catarina Cecília; RAMOS, Fernando. Remuneração, renda, poder de compra e sofrimento psíquico. In: CODO, Wanderley. (Coord.). **Educação: carinho e trabalho**. 4 ed. Petrópolis: Vozes, 2006. p. 338-354.

PEREIRA, Júlio Emílio Diniz. **O ovo ou a galinha: a crise da profissão docente e a aparente falta de perspectiva para a educação brasileira**. Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos. Brasília. v. 92 n. 230, 2011.

PINOTTI, Sonia Aparecida Gonçalves. **Stress no professor: fontes, sintomas e estratégias de controle**. Revista Brasileira Multidisciplinar. São Paulo. v. 9, 2006

SORATTO, Lúcia; RAMOS, Fernando. Burnout e relação social no trabalho. In: CODO, Wanderley. (Coord.). **Educação: carinho e trabalho**. 4 ed. Petrópolis: Vozes, 2006. p. 272-277.

SORATTO, Lúcia; PINTO, Ricardo Magalhães. Burnout e carga mental no trabalho. In: CODO, Wanderley. (Coord.). **Educação: carinho e trabalho**. 4 ed. Petrópolis: Vozes, 2006. p. 282-292.

STAKE, Robert. **Pesquisa qualitativa: estudando como as coisas funcionam**. Porto Alegre: Penso, 2011.

APÊNDICES

Apêndice A- Termo de Consentimento Esclarecido - TCL



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Título do projeto: MAL-ESTAR DOCENTE NA PRÁTICA DE PROFESSORAS DE CIÊNCIAS DA NATUREZA E A INOVAÇÃO PEDAGÓGICA

Pesquisadora responsável: Prof^a orientadora: Elena Maria Billig Mello

Acadêmica orientanda: Carla Cristina Borges Medina

Instituição: Universidade Federal do Pampa – Unipampa

Você está sendo convidada (o) para participar, como voluntária (o), em uma pesquisa de trabalho de conclusão de curso: **MAL-ESTAR DOCENTE NA PRÁTICA DE PROFESSORAS DE CIÊNCIAS DA NATUREZA E A INOVAÇÃO PEDAGÓGICA**⁴, que tem por objetivo geral: analisar as percepções sobre o mal-estar de professores de Ciências da Natureza que atuam na Educação Básica, no município de Uruguaiana - RS. Complementado pelos objetivos: identificar as causas do mal-estar docente presentes no fazer educativo desses professores; analisar concepções de inovação pedagógica dos professores de Ciências da Natureza; verificar de que forma a inovação pedagógica está presente na prática educativa dos professores de Ciências da Natureza e se ocasiona mais qualidade e bem-estar desse profissional da educação.

Por meio deste documento e a qualquer tempo você poderá solicitar esclarecimentos adicionais sobre o estudo em qualquer aspecto que desejar. Também poderá retirar seu consentimento ou interromper a participação a qualquer momento, sem sofrer qualquer tipo de penalidade ou prejuízo. Após ser esclarecida (o) sobre as informações a seguir, no caso de aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que está em duas vias. Uma delas é sua e a outra será arquivada pela pesquisadora responsável.

Esta pesquisa consiste em um estudo de caso, com abordagem qualitativa, por meio de entrevistas semiestruturadas. A escolha da abordagem qualitativa amplia o leque de respostas e percepções dos entrevistados que prestarão as informações segundo seu íntimo, ou seja, não se pretende nesta pesquisa, o levantamento dos números efetivos sobre certo questionamento, mas sim analisar a percepção de cada entrevistado sobre a sua realidade e buscar compreender as repercussões do mal-estar docente na carreira profissional e na vida pessoal dos sujeitos da pesquisa.

⁴ Este projeto de pesquisa faz parte da pesquisa maior do Grupo de Pesquisa em Inovação Pedagógica na Formação Acadêmico-Profissional de Profissionais da Educação (GRUPI), da UNIPAMPA, intitulada "Inovação pedagógica na formação de profissionais do magistério/da educação", cadastrada no Comitê de Ética em Pesquisa da Plataforma Brasil sob o nº 56831616.3.0000.5323.

Para participar deste estudo você não terá nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira. Os gastos necessários para a sua participação na pesquisa serão assumidos pela pesquisadora, por exemplo gastos com o transporte para a realização da entrevista presencial. Seu nome e identidade serão mantidos em sigilo, e os dados da pesquisa serão armazenados pela pesquisadora. Os resultados poderão ser divulgados em revistas científicas e eventos; entretanto, ele mostrará apenas os resultados obtidos como um todo, sem revelar seu nome, ou qualquer informação que esteja relacionada com sua privacidade.

Nome da (o) Participante da Pesquisa: _____

Assinatura da(o) Participante da Pesquisa

Nome da Pesquisadora Responsável: Profa. Elena Maria Billig Mello

Assinatura da Pesquisadora Responsável

Local e data _____

Apêndice B- Roteiro da entrevista semiestruturada

Título do Projeto: MAL-ESTAR DOCENTE NA PRÁTICA DE PROFESSORAS DE CIÊNCIAS DA NATUREZA E A INOVAÇÃO PEDAGÓGICA

Profª orientadora: Elena Maria Billig Mello

Orientanda: Carla Cristina Borges Medina

Palavras-chave: Mal-estar docente, ensino de Ciências, inovação pedagógica, formação docente, síndrome de Burnout.

Objetivos da pesquisa: A pesquisa objetiva analisar as percepções que o mal-estar docente acarreta na prática de professores de Ciências da Natureza que atuam na Educação Básica, no município de Uruguaiana - RS. Identificar as causas do mal-estar docente presentes no fazer educativo desses professores; Analisar a percepção dos professores de Ciências da Natureza acerca do mal-estar docente; Compreender como a mal-estar docente afeta a prática dos professores de Ciências da Natureza; Analisar concepções de inovação pedagógica dos professores de Ciências da Natureza; Verificar de que forma a inovação pedagógica está presente na prática educativa dos professores de Ciências da Natureza e se ocasiona mais qualidade e bem-estar desse profissional da educação.

Roteiro de entrevista:

1. Área de formação: ciências da natureza
2. Área de atuação: ciências da natureza
3. Tempo de trabalho no magistério:
4. Como foi realizado o ingresso no magistério por meio de concurso ou/e contrato?
5. Como, quando e por que ocorreu a escolha pela profissão docente? Você chegou a cogitar outra profissão?
6. O que o (a) atrai e o (a) estimula na profissão docente atualmente?
7. O que o (a) frustra e o (a) desestimula nessa profissão?
8. Como tem sido o seu cotidiano de trabalho como professor? O que mais gosta de fazer? E o que menos gosta? Por quê?
9. O que o(a) atrai e o (a) estimula na profissão docente atualmente? O que o (a) frustra e o (a) desestimula nessa profissão?
10. Você tem sentido mais ânimo ou desânimo?
11. Você tem percebido seus colegas de profissão mais desanimado ou mais animado? A que você atribui esse desânimo ou ânimo?
12. Quais os fatores que lhe estimula? E o que desestimula? (pessoal e/ou profissional)
13. Como você vê a profissão de professor perante a sociedade?
14. De maneira geral, você está satisfeito com o seu trabalho? E com os resultados do seu trabalho?
15. O que você tem a dizer sobre a relação profissional docente e saúde física e mental?
16. Já ouviu falar em mal-estar docente? Como entende?
17. Mesmo na situação que se encontra (desanimado ou animado) consegue inovar na sua prática educativa? Se sim como? Se não por quê?
18. O que entende por inovação pedagógica?
19. A escola estimula o professor a fazer a inovação? De que forma?

Apêndice C- Matriz analítica da pesquisa

Código/ Categoria	SUJEITOS					
	PP1 PP1.1	PP2 PP2.1	PP3 PP3.1	PJ1 PJ1.1	PJ2 PJ2.1	PJ3 PJ3.1
1. Escolha da profissão	O curso de ciências biológicas sempre foi meu sonho, mas eu não tive a oportunidade de fazer antes. Sempre adorei o magistério	Eu queria ser veterinária, mas meu pai me convenceu que o campo de trabalho para mulher era muito difícil que teria muito preconceito. Aí tentei Biologia.	Se deu um pouco antes da faculdade, pois eu fiz magistério não era algo que eu queria, mas pensei vou ter uma formação e na faculdade como eu tinha bolsa me inscrevi só para bacharelado, mas depois eu vi que tinha a possibilidade de fazer os dois.	Na época eu escolhi a licenciatura pois era a opção mais barata que tinha para se fazer aqui. Eu não pensava muito se eu queria ou não ser professora, escolhi o curso em função de ser o mais barato.	Eu estudei na argentina daí fiz odontologia lá, mas tive problemas e tive que voltar. Fiz vestibular para veterinária, mas o custo era muito elevado aí eu fiz reopção de curso porque eu gosto dessa parte aí eu caí na licenciatura	Eu desde pequena queria ser professora e a vida foi se encaminhando e eu achei que era isso mesmo.
Código/ Categoria	PP1.2	PP2.2	PP3.2	PJ1.2	PJ2.2	PJ3.2
2. Concepção de Mal-estar docente	O professor não tem animo, não tem vontade de dar aula, se torna um peso dar aula.	Eu penso que o mal-estar docente é isso o estresse, a saúde mental	Acredito que com todas as questões sociais que a gente vive desencadeiam algumas doenças como depressão e ansiedade. E a própria vida na escola, de não ter espaços de formação.	É justamente essa questão de o professor não conseguir nem chegar na escola.	Entendo isso como o adoecimento do professor.	Seria isso colegas afastados com problemas de saúde relacionado ao estresse.
Código/ Categoria	PP1.3	PP2.3	PP3.3	PJ1.3	PJ2.3	PJ3.3
	6-É estar com os alunos, conversar com eles, ajudar eles.	6-O que atrai é o contato com os alunos, todo dia a gente se	6-É a gratificação quanto educadora e perceber o quanto a gente está	14-Os próprios alunos ver que eles conseguem que eles progridem,	6-Eu gosto do curso que eu escolhi e depois os alunos todos os	6-Eu gosto do relacionamento com os alunos, a rotina da escola,

<p>3.Valorização (Estimulo)</p>	<p>Participar um pouco da vida deles.</p>	<p>renova é uma vivencia nova um aprendizado. Acho que isso é o que nos impulsiona</p>	<p>contribuindo para a formação das pessoas. Percebi meu papel aqui na escola principalmente e eu tinha outra escola e que na verdade era só um trabalho individual de sala de aula. Como eu tinha aqui na escola o turno da manhã e aqui tem esse processo de formação de realmente ter uma formação educativa como educador. Eu percebi meu papel como profissional e a partir daí pedi para vir todo meu horário aqui para escola. Hoje eu tenho essa gratificação quanto pessoa quando a gente vê a formação deles (alunos) que a gente pode contribuir para eles não só com conteúdo, mas principalmente e como pessoas nesse mundo essa</p>	<p>que tu fazes parte da vida e da carreira de uma pessoa.</p>	<p>dias tu aprendes alguma coisa com alunos</p>	<p>buscar alternativas para que eles entendam melhor conteúdo as práticas.</p>
--	---	--	---	--	---	--

			<p>transformação o. Porque financeiramente não é estimulante principalmente e pelas propostas como estado realmente é para desvalorizar e desqualificar a educação pública.</p> <p>14-O espaço de formação na escola nos fortalece muito, pois discutimos, fazemos leituras, aprofundamos o conhecimento. E nossas lutas que vamos na comunidade que falamos com eles de certa forma fortalece também.</p>			
Código/ Categoria	PP1.4	PP2.4	PP3.4	PJ1.4	PJ2.4	PJ3.4
4.Remuneração		<p>O descaso por parte do governo, os salários baixos, os atrasos no pagamento. Me desestimula aqui não tem difícil acesso. Aqui é longe é terra é um buraco é barro dia de chuva, mas vale a pena pela equipe pelos</p>	<p>A questão salarial desestimula muito, pois não vemos muitas perspectivas, como horas de lazer, de planejamento isso desestimula muito. Porque financeiramente não é estimulante principalmente e pelas propostas como estado</p>	<p>Eu acho que a gente passa por situações bem difícil é plano de carreira. O governo que não paga em dia. Não consegue separar o profissional na escola e o pessoal fica em casa isso não existe tua é ser</p>		

		alunos que são uns queridos, educados, não faltam com respeito com os professores	realmente é para desvalorizar e desqualificar a educação pública.	humano, se tu não estás bem tu não consegues trabalhar bem.		
Código/ Categoria	PP1.5	PP2.5	PP3.5	PJ1.5	PJ2.5	PJ3.5
5. Condições de trabalho	A profissão professor em geral é linda, se não fosse o professor nenhuma outra profissão existiria, mas a desvalorização é muito grande.	Já. Por essa desvalorização. Eu estou pensando em montar um negócio, mas estou pensando em ficar vinte horas. Porque eu não sei se esse negócio vai dá certo.	Nós não estamos contemplados principalmente e nós como trabalhadores. Nenhum dos candidatos vai contemplar nós como trabalhadores e principalmente a educação porque os dois defendem as mesmas propostas então é um desânimo, já nos desanimou esses 4 anos, pois ele nos castigou muito quanto a salário, quanto pagamentos, e principalmente a escola que já enfrentou vários problemas de lutas para não fechar turmas. É uma luta para permanecer essa proposta	Nós estamos desvalorizados diante da sociedade. Eu vejo nos meios de comunicação que quando é para falar mal de um professor é muita gente falando, não somos mais pessoas bem quistas como antigamente	As avaliações dos professores não que o meu trabalho seja melhor que dos outros, mas tu vês que para uma mudança de classe tu te dedica mais e no final aquele colega que faltou consegui subir de classe. O número de alunos dentro de sala de aula que são de 32 a 35 e na parte de ciências tu tem problema nas aulas práticas, falta matéria, falta auxiliar. Menos gosto é das reuniões essa coisa muito burocrática. Tinham que trazer uma inovação	

			<p>porque a gente sabe o quanto ela é importante. E a gente sabe que quando virar o ano será pior, já vivemos esses 4 anos muito triste e é pelas propostas de governo que a gente sabe que não vai melhorar e sim piorar. Afeta muito principalmente e por que a gente não se sente motivadas e também para buscar coisas novas. Ano passado eu fiz um pós-graduação em educação ambiental na unipampa foi o que me motivou um pouco, só que ao mesmo tempo nós vivemos uma greve de 90 dias. Fiquei longe da sala de aula por um bom tempo e todo o processo de retorno de recuperar foi no verão janeiro e fevereiro foi muito cansativo, mas realmente tudo isso nos enfraquece e nos</p>		<p>porque tu vais nas reuniões e são sempre as mesmas coisas. Mais palestras.</p>	
--	--	--	---	--	---	--

			<p>desmotiva embora a gente saiba do nosso papel da nossa formação é uma luta diária com a desmotivação. E além do que a gente enfrenta na escola porque muitas vezes encontra uma evasão infelizmente as famílias tem uma desestrutura familiar muito grande que não consideram a escola como uma prioridade, a gente enfrenta isso de buscar eles o tempo inteiro, busca nossa motivação com o planejamento de buscar coisas novas é uma luta de todas as áreas. Gosto muito da educação, mas hoje em dia já considero em ir para outras áreas, para ter essa qualidade de vida porque se financeiramente não nos contribui a gente perde muito. Já considero</p>			
--	--	--	---	--	--	--

			sim a fazer outros concursos, A gente sabe que essa desvalorização vai piorar porque não é prioridade do governo.			
Código/ Categoria	PP1.6	PP2.6	PP3.6	PJ1.6	PJ2.6	PJ3.6
6.Adoecimento	Eu canso mais mentalmente que fisicamente. Preciso de um tempo para descansar que, às vezes, não tenho.	Causa mal-estar. Causa nervosismo psicológico afeta. Envolve a casa da gente os filhos todos sofrem. Por que falta dinheiro para pagar as contas, para comprar remédio. E tem vários casos de suicídio de professores por conta dos pagamentos atrasados das dívidas que se acumulam. Gera estresse, muito trabalho, eu tenho duas escolas, tem professores que precisam trabalhar 60 horas. Eu trabalho 40 horas e tem casa tenho filhos, marido. Eu	Com certeza isso nos frustra muito nos gera ansiedade embora aqui na escola a gente tenha um apoio pedagógico um apoio de formação e acredito que a gente se renove nesses espaços, nesses momentos só que a gente sabe que isso nos enfraquece ao mesmo tempo sabe que tem em outras escolas não tem essa formação e envolvimento então pela escola a gente tem uma qualidade de trabalho muito bom e isso nos fortalece. Tudo que a gente está vivendo acaba levando para vários problemas, tem vários	Eu acho que tem muitos professores que adoecem que são obrigados a trabalhar 40 ou 60 horas semanais é muito frustrante tu te obrigas a trabalhar toda essa carga horário por motivos financeiros. É uma profissão difícil tu chegas em casa às 12 e 15 para voltar 13 e 15 então tu tens 1 hora para ficar em casa então é muita correria. E chega na escola a aula não funciona é muito estressante	A gente não tem tempo para cuidar da nossa saúde, não ter tempo para família, é ansiedade, é a voz, não tem tempo para fazer uma atividade física	Muitas vezes sim. Tu sais jurando que não volta, mas em casa tu reflete e vê que dá para ir levando Hoje a gente observa muito mais do que antes casos de laudo, colegas usando medicamentos que não podem estar em sala de aula, colegas com desvio de função que não podem mais exercer a profissão isso me assusta a quantidade de colegas nessas situações.

		<p>ando bem estressada. Eu noto que estou bem esquecida. Que eu ando no automático, não lembro se peguei todas as coisas, se fecho a casa o carro. O horário do intervalo é muito corrido, as vezes chego na aula e falo para os alunos que preciso de 5 minutos para respirar e começar a aula. Porque o trânsito para chegar na escola é bem ruim.</p>	<p>educadores que fazem tratamento psicológico, toma remédios, justamente por essa pressão, essa desmotivação, o que eu vejo principalmente aqui na escola é esses espaços de discussão que nos fortalece em certos momentos.</p>			
Código/ Categoria	PP1.7	PP2.7	PP3.7	PJ1.7	PJ2.7	PJ3.7
7. Concepção de Inovação	<p>Eu acho que é isso buscar inovar não ficar na mesmice da rotina chega e enche o quadro de exercícios até os próprios alunos ficam cansado.</p>	<p>Inovar é trazer o conteúdo para a realidade do aluno.</p>	<p>Acho que é isso. Principalmente a nossa formação como educador que infelizmente não se tem. Teve um governo anterior a esse principalmente e Federal se teve um investimento muito grande na formação de</p>	<p>São práticas que podemos fazer a partir do diálogo, não é só fazer diferente, fazer alguma coisa nova que ninguém fez. É uma questão de tu perceber que pode mudar alguma</p>	<p>Tentar trazer algo novo para dentro da sala de aula para a escola. De tarde aqui na escola tem uma equipe muito boa.</p>	<p>Acho que algo que traga para sala de aula para ajudar que colabore com o desenvolvimento da aula com nosso planejamento. Alguma coisa que vai melhorar que vai ajudar</p>

			professores durante um ano. A escolas devem investir nisso ou os educadores individualmente. Busco sempre fazer leituras o que contribui para a formação continuada.	prática que ela pode ser dialogada discutida a partir dessa discussão tu pensar numa nova possibilidade e na amplitude daquele trabalho.		
Código/ Categoria	PP1.8	PP2.8	PP3.8	PJ1.8	PJ2.8	PJ3.8
8.Inovação na escola	A gente está sempre conversando, debatendo assuntos, buscando alguma coisa nova para passar para os alunos. Nossas aulas são em torno da realidade dos alunos buscar levar a aula para os dia-a-dia deles.	Estimula, a gente está sempre em formação, em curso, sempre estudando, buscando e procurando inovar.	Com certeza a escola estimula muito. Nas quartas feiras eles tem o tempo comunidade que os alunos saem mais cedo e nós temos esse espaço para leitura e discussão um espaço riquíssimo na escola. Aos sábados que vem todos os educadores isso estimula muito.	A escola da abertura para gente trabalhar do jeito que a gente quer a escola não tem muitos empecilhos por parte coordenação pedagógica e nem da direção. Eu acho que eles não se opõem eles confiam no nosso trabalho.	Eles (direção) apoiam eles não colocam obstáculos. Falta recurso na escola.	Às vezes nem sempre. Às vezes falta comunicação com os colegas, aceitação, quando se vai se fazer algo novo e tenta envolver os outros colegas é difícil.